

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
19991.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES, CRITÉRIOS E SUGESTÕES DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise	10 pontos
Coerência lógica do discurso.....	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A inadequação da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A mera transcrição de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados.....	35 pontos
Coerência lógica do discurso.....	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A inadequação da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta não manifestar conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

GRUPO I

Apenas como sugestões de correcção, apresentam-se os seguintes tópicos:

O MESTRE, S. Agostinho

1. Função sintáctica e semântica:
 - «é» é um verbo;
 - «é» significa aquilo que estava n'Ele; constitui um nome.
2. «Nome» tem por função denominar uma coisa.
Os nomes significam alguma coisa.
3. Mesmo as palavras morfologicamente distintas dos nomes desempenham a função de nomes nas frases.
A nominação consiste numa dupla função sintáctico-semântica.
A regra da nominação descobre elementos de uma ordem racional da linguagem: a regra da nominação e a regra da comunicação são as duas regras que regem a função de significação das palavras.
Os sinais como origem do conhecimento são limitados – necessidade de conhecimento prévio.
A investigação sobre a função significante das palavras é propedêutica à doutrina do Mestre interior.

PROSLOGION, S. Anselmo

1. Dois modos distintos de pensar: pensar apenas uma palavra ou pensar a realidade significada pela palavra.
2. Quem intelecciona que Deus é «aquilo maior do que o qual nada pode pensar-se» intelecciona que Deus é uma realidade de tal ordem que nem em pensamento pode não existir, não pode pensar que Ele não existe.
3. Argumento único que permite provar a existência de Deus:
 - o seu carácter de necessidade vence mesmo as dúvidas dos não crentes;
 - os atributos de Deus vão ser apresentados a partir da afirmação da sua existência.

O SER E A ESSÊNCIA, S. Tomás de Aquino

1. O ser afirma-se como:
 - o que se divide pelas dez categorias lógicas – é o que significa a realidade subsistente de uma coisa;
 - o que significa a verdade das proposições – pode ser afirmado como ser tudo aquilo de que é possível formar uma proposição assertiva (ainda que isso não suponha nada real).
2. Se afirmarmos o ser pelo primeiro modo, a cegueira não é um ser, é uma privação; só pelo segundo modo a cegueira poderia ser afirmada como ser.
A essência é tirada do ser que se afirma do primeiro modo.
3. Valorização das coisas concretas existentes.
Atribuição da essência apenas aos existentes.
Valorização do ser sobre o pensar.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, S. Boaventura

1. Para haver conhecimento sensível tem de haver uma semelhança que provém do objecto, mas não acaba no acto de sentir.
O objecto sensível move a nossa faculdade de conhecer, por meio de uma semelhança que procede do seu objecto.
2. Paralelo entre a semelhança que permite o conhecimento e a semelhança que liga Deus Pai ao seu Filho encarnado.
Por meio da encarnação divina as nossas mentes são dirigidas para Deus, ao receberem pela fé a semelhança com o Pai.
3. A luz divina reflecte-se nos diversos níveis de conhecimento.
Na ordenação dos vários lumes, o conhecimento sensitivo situa-se em segundo lugar: conhecimento exterior (mecânica), inferior (conhecimento sensitivo), interior (conhecimento filosófico) e superior (graça ou Sagrada Escritura).
Ao nível do conhecimento sensitivo o homem é um ser sensitivo, mas é também um ser que não se esgota na sensibilidade (necessidade de passagem para os níveis de conhecimento superiores ao sensível).

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

1. Eu duvido (e penso que duvido).
Quem duvida (e pensa que duvida) existe.
Eu existo.
2. A alma esgota-se no pensar – é uma coisa que pensa:
– não tem extensão, figura, nem ocupa espaço;
– é simples;
– é distinta do corpo (se ele existe).
3. O primeiro princípio da filosofia – a posição idealista.
Pensar: faculdades cognoscitivas, querer e sentir.
As ideias – a ideia de Deus – a sua existência.
Tudo aquilo de que nos apercebemos com evidência é verdadeiro.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

1. As leis civis circunscrevem-se aos bens civis, às posses terrenas.
O magistrado civil pode e deve recorrer à força para impor o cumprimento das leis.
As leis eclesiásticas circunscrevem-se ao culto público de Deus, à salvação da alma.
O recurso à coacção é incompatível com a natureza e o objectivo das leis eclesiásticas.
As sanções compatíveis com o poder eclesiástico são as que visam a adesão da consciência.
2. As leis são condições necessárias para a vida comunitária.
Legitimidade para punir quem se obstina em pecar (violar as leis) mesmo após admoestações
– direito a excomungar, sem privar os fiéis dos seus bens.
3. O que é a Igreja e quais os seus poderes.
A tolerância no interior das Igrejas:
– direito a excomungar, sem privar os fiéis dos seus bens;
– interdição de perseguir ou punir membros de outras confissões religiosas;
– ilegitimidade do poder civil para conferir alguma autoridade eclesiástica;
– ausência de jurisdição duma Igreja sobre os que lhe são estranhos;
– dever de benevolência e de caridade.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. F. Leibniz

1. Ideia entendida como forma ou mera representação do pensamento, enquanto nela pensamos.
Ideia entendida como realidade permanente em nós, desde sempre.
2. A aplicação cuidadosa do espírito, «fazendo perguntas por ordem e a propósito», permite a partir dessas perguntas conhecer todas as verdades: a alma possui virtualmente todas as ideias.
3. Defesa do inatismo virtual das ideias.
O conhecimento como processo inteiramente *a priori* – aplicação de procedimentos apriorísticos e dedutivos:
 - na demonstração da existência de Deus;
 - na adopção da ideia de mundo mais perfeito possível.A alma como expressão do universo contém todas as ideias.
A alma como mónada dominante.
Predominância do metafísico sobre o físico.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

1. «Coisas» – seres irracionais cuja existência depende da natureza; têm um valor relativo, apenas como meio.
«Pessoas» – seres racionais que são por natureza fins em si mesmos, nunca podendo ser utilizados como meros meios; constituem objectos do respeito.
2. Os objectos das inclinações dependem das próprias inclinações e das necessidades que nelas se baseiam; não são desejáveis por si mesmos, mas só enquanto possam satisfazer a necessidade que a inclinação produziu.
3. Possibilidade de se encontrar um princípio prático supremo.
Formulação do imperativo categórico.
A ética kantiana como doutrina do carácter absoluto ou incondicional da pessoa.
Supremacia do domínio prático sobre o teórico.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Mobilização de conhecimentos*	20 pontos
Posicionamento crítico/problematizador**	20 pontos
Coerência lógica do discurso.....	20 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL	(1 × 80) = 80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

• Desdobrável em:

- selecção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido;
- utilização precisa da terminologia filosófica.

** A resposta deve reflectir uma apropriação pessoal dos conhecimentos, apresentando uma apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor na obra.

• Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

• A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

• Dado o objectivo deste grupo, os tópicos a seguir apresentados são meras sugestões. Serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

V.S.F.F.

114/C/5

Apenas como sugestões de correcção, apresentam-se os seguintes tópicos:

DA NATUREZA, Parménides

TEMA: Aparência e realidade

Aparência (Ilusão) corresponde ao domínio das crenças, opiniões, dados dos sentidos, costumes:

- o não ser existe (admite-se a passagem do ser ao não ser);
- existem movimento, devir, multiplicidade, opostos.

Realidade (Verdade) corresponde ao domínio do ser:

- o ser é e é impossível que não seja;
- existe o uno;
- não existem movimento, devir, multiplicidade.

GÓRGIAS, Platão

TEMA: Poder e saber

Distinção entre saber e crença e entre ensino e persuasão.

A retórica não passa de adulação; gera a crença sem o saber.

O retórico não possui o saber, não instrui, apenas infunde a crença.

O retórico, por incapacidade de ensinar o que são os valores, preocupa-se apenas com o sucesso e com o poder que ele confere.

O filósofo também não possui o saber, apenas o ama, mas procura incessantemente a sabedoria. Apesar de não possuir o saber, o retórico instrumentaliza a maioria dos cidadãos não os ensinando, mas persuadindo-os.

FÉDON, Platão

TEMA: Imortalidade e ética

A imortalidade (além de essência da alma) é o destino da alma após a morte do corpo.

Se a alma se desprende do corpo em estado de pureza, vai reunir-se ao divino – a esperança de Sócrates, manifestada logo desde o início do diálogo.

Se a alma se desprende em estado de impureza, vai para o Hades e volta a encarnar.

A persistência da alma com as características que teve em vida implica por consequência destinos diferentes para os diferentes tipos de vida: digressão sobre o destino das almas (no fim do segundo e do quarto argumentos).

Necessidade de cuidar da alma/praticar a virtude, durante a vida.

CATEGORIAS, Aristóteles

TEMA: Linguagem e realidade

As substâncias são seres individuais e auto-subsistentes.

Possuem primazia ontológica, pelo facto de nem serem ditas de um sujeito (não são universais), nem existirem em um sujeito (não são acidentes). «Ser dito de» e «existir em» são duas relações ontológicas.

A linguagem serve como base a partir da qual se podem concluir propriedades da própria realidade.

A obra trata das coisas que existem, sendo o recurso às considerações linguísticas uma consequência do método adoptado, e parte de seres individuais e concretos que são exemplos do uso linguístico.

A linguagem expressa aquilo que as coisas efectivamente são: linguagem veículo do ser.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: Filosofia e história da filosofia

A filosofia está implicada em cada momento histórico – as filosofias são momentos do desenvolvimento do espírito, da Ideia – depende de um conjunto de condicionalismos que a propiciam (todas as filosofias são necessárias).

A filosofia faz-se na e resulta do desenvolvimento da história.

A história da filosofia tem de ser vista a partir da filosofia.

A história da filosofia não é um depósito de pensamentos passados – os seus conteúdos são conteúdos científicos da racionalidade – implica filosofar.

A história da filosofia dá conta dos momentos particulares do todo.

A filosofia, tal como a história da filosofia, é um sistema em desenvolvimento.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

TEMA: Liberdade e determinismo.

O espírito caracteriza-se pela sua espontaneidade e consciência; nunca é passivo.

A liberdade é espontaneidade plenamente realizada e consciente.

O determinismo situa-se no domínio da necessidade, onde não há lugar nem para o acaso nem para a Providência, ignora a actividade interna de todos os seres. Distinção entre a «determinação» da vontade e a determinação mecanicista: a vontade tem um fim, e esse fim é ela mesma.

Mesmo os fenómenos mais rudimentares apresentam algo de espontâneo, é o próprio ser que se determina a si mesmo.

O determinismo, que pode ter um papel positivo no domínio do conhecimento científico moderno, é uma visão limitada: faltam-lhe as ideias superiores que expliquem as inferiores, e desconhece as causas profundas.

A liberdade está presente em todos os seres, em graus diferentes: é o fim imanente a que todos os seres aspiram.

O determinismo, fatal e cego, dá origem a uma lei racional que regula o mundo. A evolução é um caminhar em direcção à liberdade.

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: A cultura moderna ocidental como decadência

Sócrates – modelo do homem «teórico» que elimina o homem «trágico» – como o primeiro génio da decadência: o socratismo estético rouba à música, à tragédia a sua força dionisiaca.

Traços dessa decadência – o optimismo socrático que deu forma à cultura alexandrina:

- crença na universalidade das categorias da razão (ideia de Bem, Verdade);
- reforço introduzido por Hegel com o Sistema do Saber Absoluto;
- desvalorização da vida;
- naufrágio do mito no mundo moderno.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Verdade e falsidade

A mudança, nos jogos de linguagem, implica uma modificação nos conceitos e, conseqüentemente, nos significados das palavras.

Não existência de um mundo único e real, anterior e independente do uso da linguagem: só é possível considerar falsa uma proposição previamente reconhecida como válida se ela entrar em contradição com outras proposições também reconhecidas como válidas.

Uma frase é verdadeira apenas se corresponder a um facto que possui uma significação já estabelecida.

«A verdade de certas proposições pertence ao nosso quadro de referências»: é sempre possível imaginar outras verdades.

A verdade como coerência (entre proposições, entre crenças).

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: Filosofia e história

Filosofia e história não são dois absolutos rivais.

A filosofia:

- procura uma relação com o absoluto, mas não é o estabelecimento do/no absoluto;
- é sempre filosofia de hoje, não se esgota «na constatação intemporal de uma interioridade intemporal»;
- não pode ser um diálogo do filósofo com a verdade, um juízo superior sobre a vida, o mundo e a história, como se estivesse fora deles – a nossa construção da verdade implica os outros;
- não se subordina à circunstância, mas procura-lhe o sentido – compreensão da «união da contingência e do sentido na história»: substituição do «simbolismo tácito da vida» por um «simbolismo consciente», de um «sentido latente» por um «sentido patente».

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Natureza dos universais

Realidades que têm um ser diferente do dos objectos físicos – qualidades e relações.

A essência do «universal» – ideia platónica – é opor-se às coisas particulares que nos são dadas na percepção particular.

O ser dos universais não é de natureza meramente mental: os universais existem, mesmo quando não são pensados, independentemente de um espírito que os apreende.

Os universais têm uma existência distinta da dos objectos físicos: não existem no tempo nem no espaço, não são materiais nem mentais.

Os universais não existem no sentido em que existem os objectos físicos, os pensamentos, os sentimentos; *subsistem*, isto é, *têm ser*, mas não existência (os universais pertencem ao mundo do ser, fora do tempo e do espaço).

A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: O sentimento na filosofia

Dois sentidos de filosofia:

- como teoria geral do mundo;
- como interpretação qualitativa.

A saudade é parte da vida emocional, é uma das maneiras de a ipseidade de cada um responder ao que o rodeia; a interpretação saudosista da existência apresenta características específicas que a opõem à consciência teórica, à impessoalidade do racionalismo.

A saudade implica uma atitude valorativa (valorização do passado em detrimento do presente) e afectiva.

Numa filosofia entendida no segundo sentido, a saudade pode ser um dado fundamental para uma interpretação metafísica da existência.

DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Verdade e liberdade

A verdade não reside originariamente na proposição, não caracteriza a proposição correcta.

A liberdade é exigência da realização de qualquer acção, como concordar ou não com uma verdade.

A essência da verdade como correcção do enunciado é liberdade.

Problema da não-verdade: a essência da verdade posta na liberdade pode significar colocar a verdade ao nível da subjectividade humana.

Ultrapassagem dos preconceitos que se opõem à posição da essência da verdade como liberdade: indicação da conexão essencial entre verdade como correcção e liberdade.

Liberdade como deixar-ser – entrega à desocultação do ente enquanto tal.

Essência da verdade: desocultação do ente.

Realização da essência da verdade: liberdade.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: Discurso e referência

A função referencial da linguagem só se actualiza no uso – discurso como dialéctica evento-significação.

O discurso não pode deixar de ser acerca de alguma coisa (dialéctica sentido-referência).

No discurso é a nossa experiência que vem à linguagem.

Discurso oral: o critério do alcance referencial do que dizemos reside na possibilidade de mostrar a coisa referida; no diálogo todas as referências são situacionais.

Discurso escrito: há um hiato entre a identificação e a mostraçã; o texto liberta a referência dos limites da referência situacional.

Função referencial do discurso como possibilidade de ligar a linguagem à verdade e ao mundo; a referência exprime a transcendência da linguagem em relação a si mesma.